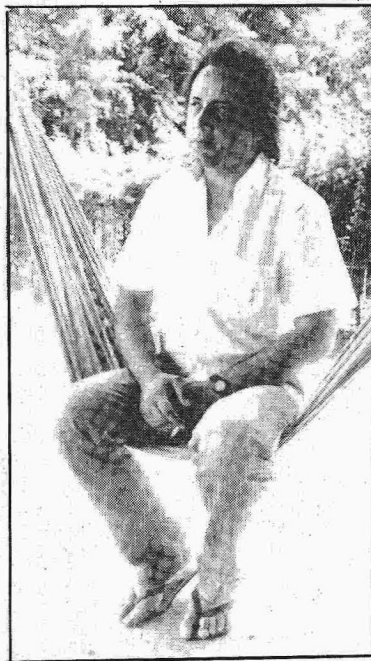


Guilherme Vaz: sempre na trilha dos prêmios

Ele é um dos mais premiados autores de música para cinema no Brasil. Entre longas e curtas ganhou nove prêmios (seis no Festival de Brasília): **Fome de Amor**/Nelson Pereira dos Santos (Festival de Brasília/68), **O Anjo Nasceu**/Júlio Bressane (Festival de Brasília/69), **A Rainha Diaba**/Antônio Carlos Fontoura (Festival de Brasília/75), **Taim**/Lionel Luccini (FestiRio 82), **Brasiliários**/Sérgio Bazi (Festival de Brasília/86). Um dos articuladores da arte conceitual no Brasil, sintetizado com a informação de ponta, o músico Guilherme Vaz sempre esteve de olho ligado no cinema.

Segundo Guilherme, o compositor brasileiro nem sempre percebe que o cinema já é musical. Então acaba fazendo o papel da letra: "Geralmente os compositores fazem música atrasada do ponto de vista da linguagem do cinema. E isto acontece por falta de formação de cinema. O cinema brasileiro precisa evoluir muito em termos de música e de trilha sonora". E, em termos de trilha sonora, a coisa mais original que Guilherme viu no cinema brasileiro ainda é aquele ruído intermitente de carro de boi atravessando o **Vidas Secas** de Nelson Pereira dos Santos.



Guilherme Vaz

Objeto de arte

Gosta do uso da música em **Tabu**, de Bressane, onde esta aparece sem comprometimento com a imagem, mas sim como objeto de arte. Não gosta das trilhas dos filmes de

Glauber Rocha, especialmente dos primeiros: "Existe um realismo socialista para convencer as pessoas. Parece coisa dos teatros da UNE. Glauber é musical na imagem e formalista na música. A trilha-montagem de **Terra em Transe** é boa". Guilherme aponta, ainda, como uma trilha sonora inventiva, a trilha-colagem de **O Bandido da Luz Vermelha**, de Rogério Sganzerla.

Ele acha interessante, também, as trilhas da última safra do cinema brasileiro, especialmente a do chamado novo cinema paulista. Mas, no fundo, considera tudo muito comportado demais: "A trilha sonora de **Vera**, por exemplo, é competente, mas é normal. Mesmo estes filmes paulistas que se acham radicais não ultrapassam muito o limite do "bem feito". A trilha de **Cidade Oculta** tem soluções interessantes, mas os paulistas não se arriscam muito. Eles só arriscam até o arriscado estabelecido. Foi assim com o **punk** londrino e foi assim com o meta-cinema. A vanguarda dos paulistas tem de ser testada antes lá fora. Eles não arriscam o salto no vazio, do qual depende a atualidade da obra de arte. Quem se arrisca é Glauber Rocha. Hélio Oiticica, Ligia Clark". (S.F. e F.M).